

58. A cidade que não dorme

o big bang do pop / extraindo da capol mais notícias de sarajevo / irlandeses em nova york / adam esclarece algumas coisas / como se diz?

BONO ALEGA que não sabe o porquê de tamanha excitação. Ele disse “fuck” num programa ao vivo? Grande coisa, ele fala isso todo dia. Ele faz a afirmação um tanto legalista de que disse “fuck up”, não “fuck” com conotação sexual. Eu aprecio esse sentimento, mas eu acho que ele não está sendo muito sincero, o que implica que o palavrão foi um lapso impensado da língua. Para a maior banda do mundo, vencer o *Alternative Award* poderia fazer o U2 ser ridicularizado pelos guardiões da sagrada subcultura alternativa. Foi como há poucos anos, quando o *Grammy* premiou o Jethro Tull como Melhor Banda de Heavy Metal. Não era culpa do Jethro Tull, mas eles se aproveitaram da repercussão. Então eu suspeito que Bono queria fazer algum gesto, para deixar claro que ele não era o cãozinho adestrado do *Grammy*, polidamente ostentando uma estátua que deveria ter sido concedida ao Nirvana, ao Sugar ou ao Pavement. (Falsa humildade à parte, entretanto, Bono sente firmemente que se *alternativo* é no sentido musical e não no sentido *fashion*, o Zooropa merece o prêmio mais que qualquer uma das bandas grunge com inclinação setentista).

De qualquer modo, além do grande evento, a única razão pela qual Bono está posicionado nas alas do Radio City Music Hall esta noite, está mais adiante. Semana passada, Bono leu para mim grandes trechos do seu discurso de indução de Sinatra e disse que não conseguiu escrever nada bom. Eu disse que ele estava louco – o discurso que ele havia escrito estava excepcional, que tudo que ele tinha a fazer era ir em frente e lê-lo. Bono estava desconfiado que o pessoal do Grammy pudesse tentar baixar seu tom, mas a única coisa de fato que ele tinha que fazer era retirar uma referência a Sinatra como o *capo di tutti capi*, a designação no filme *O Poderoso Chefão* para o “chefe de todos os chefes”.

A língua solta de Bono no seu próprio discurso de aceitação pode ser atribuída ao fato de que quando ele chegou no local do evento esta tarde, ele foi para o camarim para ver Sinatra e os dois crooners¹ começaram a tomar uísque juntos.

“O que nós estamos fazendo aqui?”, perguntou Frank.

“Ei, não se queixe de ter vindo de Palm Springs!”, Bono disse a ele. “Eu vim de Dublin!” Bono percebe que Frank gosta da soberba. Acho que um deles deveria se dar conta que Dublin e Palm Springs tem mais ou menos a mesma distância de Nova York.

Quando Bono volta ao palco para fazer seu discurso homenageando Frank, os censores da TV podem estar prontos para disparar o botão da censura a qualquer momento, mas o que vem a seguir é uma prosa tão perfeita que te faz pensar que Rushdie está certo sobre os dons literários de Bono:

“Frank nunca gostou de rock and roll”, Bono inicia e a plateia ri. “Ele também não se sente atraído por caras que usam brincos” – mais risadas – “mas ele não tem nada contra mim e, de qualquer forma, o sentimento não é mútuo. O pessoal do rock and roll ama Frank Sinatra, porque Frank Sinatra tem o que queremos: arrogância e atitude. Ele é grande em atitude. Atitude séria. Atitude de mau. Frank é o presidente dos maus”. A plateia ri.

“O rock and roll consiste em ser rude, mas esse cara, bem, ele é o chefe. O chefe dos chefes. O homem. O big bang do pop. Eu não vou me meter com ele. Você vai?”

¹ Cantor ou cantora de música popular que canta com orquestra ou conjunto instrumental.

“Quem é esse cara que toda cidade dos EUA quer reivindicar como seu? O pintor que vive no deserto? O ator da primeira tomada. O cantor que faz outros homens poetas, encaixando sabiamente cada palavra, falando como os EUA – rápido, direto, em linhas gerais, vindo com o grande truque, o aparte, o complemento silencioso, o good cop/bad cop¹, todos juntos no mesmo ambiente. Você conhece a história porque é a sua história. Frank caminha como os EUA – sempre muito confiante”.

“É 1945 e a cavalaria americana está tentando dar o fora da Europa, mas eles nunca conseguem. Eles fazem parte de outro tipo de invasão: a rádio das Forças Americanas está transmitindo uma música que abraça a tristeza retraída da Inglaterra e o resto do mundo. Pavimentando o caminho para o rock and roll com o jazz, Duke Ellington, as big bands, Tommy Dorsey, e logo na frente – Frank Sinatra. Sua voz é tão firme como um punho, abrindo no fim de um compasso, não na batida – sobre ela, tocando com ela, cortando-a. Como um jazzista, como Miles Davis, colocando o verso certo na música certa, que é onde ele vive, onde ele se deixa levar, onde ele se revela. Suas músicas são seu lar e ele te deixa entrar”.

“Mas sabe, para cantar daquela maneira você tem que ter perdido algumas lutas. Para entender a ternura e o romance você tem que ter seu coração partido. Dizem que Frank Sinatra não tem falado com a imprensa. Eles querem saber como ele está, o que passa na sua mente. Mas você sabe, Sinatra está saindo por mais noites do que a maioria das bandas punk que vendem suas histórias através das músicas, contando e articulando a escolha daquelas músicas. Impressões pessoais num sistema de endereço público. É generoso”.

“Esse é o mistério de Frank Sinatra. Os lados esquerdo e direito do cérebro conversando arduamente, pugilista e pintor, ator e cantor, amante e pai, membro de banda e solista, criador e solucionador de problemas. O campeão que prefere mostrar suas cicatrizes em vez de suas medalhas. Ele pode ser a cola nas mãos de Barbara², mas eu não vou me meter com ele. Você vai?”

“Senhoras e senhores, vocês estão preparados para dar as boas-vindas a um homem mais pesado que o Empire State? Mais conectado que as Torres Gêmeas? Tão reconhecível quanto a Estátua da Liberdade? E a prova viva de que Deus é católico!” Agora as risadas e gritos começam a se transformar numa grande salva de palmas que continua a medida que Bono grita: “Vocês darão boas-vindas ao rei de Nova York – Francis Albert Sinatra!”.

Sinatra surge no palco sob uma ovação de pé do público, numa empolgação da plateia digna de balançar os lustres, e ele está claramente e fortemente comovido. Bono aperta a mão dele, dá um passo para trás, e então falam para ele voltar e dar a Sinatra seu prêmio. Finalmente as palmas param e Sinatra, com os olhos marejados, fala: “Essas são as melhores boas-vindas” – ele fica sem palavras por uns instantes – “que eu já tive”. Os aplausos começam novamente.

O que acontece a seguir é quase sem precedentes na carreira de 45 anos da maior e mais reservada estrela dos EUA; Frank Sinatra começa a realmente se abrir, para falar abertamente: “Senhoras e senhores, estou muito feliz de ver vocês todos e espero que nós possamos fazer isso de novo – não vou deixá-los ainda – mas nós faremos isso novamente de tempos em tempos e eu quero vê-los e quero conhecer alguns de vocês. É muito importante para mim. Muito importante”.

¹ Usado para descrever uma situação onde dois policiais ou duas pessoas quaisquer tentam atingir um objetivo juntas, sendo que um usa uma abordagem amistosa e agradável e o outro faz uso de ameaças e da força.

² Barbara foi a última mulher de Sinatra e esteve ao seu lado até sua morte, em 1998. Ela foi a musa de inúmeras canções românticas que marcaram a carreira de Sinatra.

Eles começam a aplaudir novamente e Sinatra interrompe: “São mais aplausos que Dean ouviu em toda sua carreira”. A plateia ri e Sinatra diz: “Ele costumava manter um cara na plateia para que isso fosse feito o tempo todo.”

Claro, ele divaga um pouco. Algumas pessoas acreditam que ele está bêbado por causa do uísque, já aquelas mais próximas a ele podiam estar preocupadas que ele ficaria fora de si, diria coisas sem sentido, do mesmo jeito que ele fez na gravação do vídeo, no outono passado. Mas, para as pessoas assistindo em casa, o efeito de ver um Frank Sinatra falando tão abertamente, de um jeito eloquente e muito humano, é no mínimo convincente, se não completamente fascinante.

Atrás do palco, contudo, está um pandemônio. As forças do pânico estão tentando colocar Bono de volta no palco para dar a Frank o gancho e Bono está resistente e cochichando: “Sem chance! Deixe-o falar! Não!”. Após quatro minutos de Sinatra, o diretor de TV chama a banda para começar a tocar, chama as câmeras a recuarem para uma tomada mais panorâmica e a rede corta para um comercial.

A plateia no local fica chocada pelo modo que Sinatra é abruptamente cortado pela fanfarra e pela voz do anunciante. Sinatra está confuso. Bono se aproxima, coloca seu braço no ombro de Sinatra e diz: “Hora de ir, Frank”. E os dois cantores saem do palco.

Se as escutas fervem com reclamações sobre a obscenidade de Bono, eles estão explodindo de indignação com o insulto a Sinatra. Quando o apresentador Gary Shandling volta, ele anuncia: “Antes de continuar, eu acho que vocês vão concordar comigo que Sinatra deveria ter finalizado seu discurso”. A plateia já afeita aos aplausos bateu palmas até pedaços de pele voarem para as mangas dos ternos franceses e o sangue respingasse sobre seus arminhos e pérolas (Bem, não é verdade, mas eu estou esgotando as maneiras de descrever “aplaudindo com entusiasmo”).

O melhor comentário vem da próxima atração musical. Billy Joel, fã de Sinatra, interrompe sua música no meio de repente, sorri secretamente para a câmera da TV, estuda seu relógio de pulso e diz: “Valioso tempo de publicidade passando ... Valioso tempo de publicidade passando ... Dólares ... Dólares ... Dólares”. Então ele volta com a música. Em algum lugar neste edifício, o diretor de TV está escorregando por baixo da porta como um cardápio chinês.

A cerimônia do Grammy Awards é apenas um prelúdio para as festas fantásticas que as gravadoras oferecem nos restaurantes mais caros de Nova York depois. As gravadoras gastam uma quantia que poderia servir para assinar e gravar com uma centena de bandas jovens, tentando superar umas às outras, com esculturas de gelo, banquetes intermináveis, orquestras, tanques de bebidas e as festas mais luxuosas do ano nos bares mais chiques. A noite do Grammy é uma desculpa para aproveitadores vestidos de smoking correrem do restaurante “21” ao ringue de patinação do Rockefeller Center, ao Museu de Arte Moderna, ao Four Seasons e ao Met, em uma farra de alta roda de Manhattan, que teria murchado os ternos de Fred Astaire.¹

Minha esposa e eu levamos o mau humor de Bono e Ali para a melhor mesa da Rainbow Room (bem ao lado de Sting! Ser contagiado pelo seu ânimo é inevitável) e estamos pensando em dançar animadamente com a big band quando McGuinness se aproxima, aponta para o relógio e diz para Bono: “Frank está esperando por você no restaurante. Ele quer lhe dar um presente”.

Então Bono segue Paul de carro até um restaurante onde o “presidente do conselho” dá a seu parceiro um relógio de pulso sofisticado com a inscrição: “Para Bono - Obrigado - Frank A. Sinatra”.

¹ Referência à canção *Top Hat, White Tie and Tails*, escrita por Irving Berlin e interpretada por Fred Astaire, num filme sobre a elite nova-iorquina.

Mais tarde, Bono diz que não tinha certeza se Frank ficaria ofendido com seu discurso, mas ele *queria* fazê-lo. Bono, quase sussurrando, mencionou o que milhões de telespectadores sabiam, o que levou Sinatra às lágrimas com a homenagem de Bono. “É o melhor que posso fazer”, diz Bono.

Eu digo, “Bono, isso é o melhor que qualquer um consegue fazer”.

Na noite seguinte ao Grammy, janto com Bono e Ali no centro, onde o brilho é menos chique, e você pode encontrar bolo de carne no menu. Ele diz que Regine lhe enviou os jornais de Londres, cheios de manchetes como “Bono choca os Estados Unidos” porque ele praguejou na TV. Os jornais irlandeses, entretanto, o estão repreendendo por fumar em público, influenciando os jovens impressionáveis, tornando-os suscetíveis ao câncer de pulmão. A imprensa americana geralmente zomba de sua obscenidade, mas elogia o discurso de posse de Sinatra. No Los Angeles Times, o crítico de televisão Howard Rosenberg chama de “a primeira vez que uma prosa verdadeiramente inesquecível foi dita sem pudores por um vencedor”. Robert Hilburn, crítico de música pop do mesmo jornal, considera-o “provavelmente a melhor apresentação que Sinatra já teve”.

O assunto principal em todos os jornais, entretanto, é a surpreendente decisão de cortar para um comercial no meio do discurso de aceitação de Sinatra. Mike Greene, presidente da Recording Industry Association of America, é amplamente criticado por dizer que o pedido veio do próprio pessoal de Sinatra, mas Bono diz que suspeita que isso seja verdade. Ele avalia que os encarregados de Frank estavam tão nervosos de que ele poderia escorregar ou se desviar demais que se precipitaram. O fato de saberem que Frank e Bono estariam juntos nos bastidores provavelmente não os ajudaram a relaxar.

E por falar em bebida, Bono diz que Adam ainda não tocou em uma gota desde Sydney. “É uma pena para Adam que ele não possa mais beber”, diz Bono, “mas o mundo não vai sentir falta disso. Ao contrário de algumas pessoas, que depois que conseguem ficar sóbrias ficam tão chatas que você só tem vontade de dizer a elas: ‘Apenas diga que sim!’”

Quando chegamos em casa, para jantar, ligo a TV e Jay Leno está fazendo piadas sobre a obscenidade de Bono ofendendo Axl Rose, e “Três coisas que você não quer fazer se espera viver uma vida longa - não fume, não coma carne e não corte Frank Sinatra!”

No programa de Conan O'Brien, o apresentador pergunta se o público assistiu ao Grammy e então diz: “Bono venceu Sting por um prêmio. O prêmio de a pessoa mais pretensiosa com apenas um nome!”

Edge, enquanto isso, tem passado muito tempo com Morleigh em Los Angeles. É notável que, após a longa jornada emocional que Edge começou no início da Zoo TV, ele realmente tenha saído do outro lado dessa experiência com uma nova mão para segurar. Ele empurrou a si mesmo e o U2 além de todos os seus velhos limites e viajou até os confins da terra para se apaixonar por alguém que ele conhecia o tempo todo.

Quando a neve derrete, Paul McGuinness chega a Nova York para comparecer ao jantar de caridade da instituição coletiva da indústria musical de T. J. Martell, e passar uma semana negociando detalhes do projeto da Cadeia Zoo TV Network com a MTV. Todos os anos, a Fundação Martell homenageia algum figurão do mundo da música com o prêmio Humanitário do Ano, e desta vez é o chefe da MTV, Tom Freston - uma homenagem tremendamente merecida, mas também, como McGuinness aponta - uma ajuda certa para que seu projeto de milhares de dólares obtenha financiamento, já que toda gravadora tem que beijar a bunda da MTV. A atração do evento é Eric Clapton, que toca um set todo de blues, passando pela música de Robert Johnson até a de Muddy Waters, e tocando algo do seu próximo álbum, que está em processo.

Há muitas idas e vindas entre o Principle e a MTV sobre como lançar a Zoo TV. Freston resumiu em seu estilo usual - com uma piada engraçada que contém uma dura verdade: "Puxa, todo mundo quer sua própria rede de TV hoje em dia. Talvez como pré-requisito para obter sua própria rede você deveria primeiro tentar criar uma boa hora de programação por semana".

Agora, ambas as partes estão inclinadas a experimentar o conceito da Zoo TV com um programa semanal e ver como isso funciona. Quando perguntado sobre minha opinião (e ninguém precisa me perguntar duas vezes), sugiro que uma hora só poderia ser uma distorção de como seria toda uma cadeia Zoo TV Network. Melhor experimentar a Zoo TV como um programa noturno - digamos, da meia-noite às 5 da manhã - no VHI, o chato canal irmão da MTV. (Outra frase de Freston: "O que devemos fazer com a VHI? É como se eu tivesse um ótimo terreno à beira-mar e sobre ele uma simples cabana!") Ele está criando uma nova administração para reinventar o canal.)

Enquanto isso, Adam e Larry, ambos acomodados em seus apartamentos em Manhattan, se adaptam à vida como músicos em Nova York. Eles passam uma semana tocando juntos nas sessões de gravação de Nanci Griffith. Larry começa a fazer aulas de música, indo até Boston para trabalhar com um professor de bateria, e Adam toca em um álbum de Little Steven Van Zandt. Adam liga uma tarde e sugere que nos encontremos naquela noite. Escolho um restaurante no West Village. Saindo do metrô da Sétima Avenida na Sheridan Square, Adam pede informações à primeira pessoa que vê. Essa primeira pessoa é Lou Reed. Adam se sente em casa.

No jantar, pergunto como estão as negociações Zoo TV / MTV e Adam diz: "Vou ficar longe disso. Tive de decidir se usaria esse período para me tornar mais em um homem de negócios ou mais um músico. Escolhi a música. Tive minha primeira aula de canto hoje. O engraçado é que eu consigo! E conheci um cara lá que dá aulas de contrabaixo, então marquei um encontro para começar com ele. Logo, vou tentar aprender sobre computadores".

Adam diz que ele e Naomi se separaram para sempre, mas a imprensa não sabe disso, então eles não vão dizer nada. Ele é um homem solteiro morando em Nova York e adora isso. Ele diz que recuperou algo que não sabia que tinha perdido - o estado de alerta de estar ciente de tudo que está acontecendo na rua ao seu redor. Ele diz que foi enterrado sob a autoconsciência de Z¹: *Sou um astro do rock / Essas pessoas estão olhando para mim / Aí vem um fotógrafo*. Aqui em Nova York, ele pode ver e sentir a imagem maior, e se sente ótimo com isso.

Lembro-me das palavras de Larry na última noite no Japão, sobre a maneira de como Adam e ele contribuem tanto quanto qualquer um, enquanto o U2 continuava a evoluir; era sair, trabalhar e aprender coisas novas para trazer de volta para a banda. ("Não tenha a impressão de que estou fazendo isso para acompanhar Bono ou Edge ou qualquer outra pessoa", Larry me avisou. "Estou fazendo isso por mim mesmo".) É assim que Larry iria passar 1994, e ele esperava que Adam decidisse se juntar a ele. É ótimo, seis meses depois, ver que Adam fez isso e Adam adora. Ele bebe água a noite toda, está magro como um esqueleto, seu cabelo voltou ao castanho natural e agora está surpreendentemente equilibrado por um cavanhaque comprido de aparência russa. Adam parece que deveria estar fazendo bombas com o Sr. Molotov ou escrevendo *Crime e Castigo* à luz de velas.

Digo a ele que hoje recebi um cartão-postal de Willie Williams - ele está de volta à estrada com Bryan Adams e falando com o R.E.M. sobre se alistar para sua próxima turnê. Adam diz que Suzanne Doyle está indo muito bem trabalhando para a MTV, em Londres. Digo a Adam que Bill Carter desembarcou em Nova York esta semana e se mudou para um apartamento no Village, que ele encontrou por meio de Vanessa Redgrave - uma das muitas conexões que ele fez por meio de

¹ Conceito zoroastriano de "terra", tanto no sentido de terra e solo quanto no sentido de mundo.

seu documentário “Miss Sarajevo”, apoiado pelo U2.

Carter acaba de concluir uma tarefa de reportagem na Bósnia para a MTV e para a revista Rolling Stone. Como sempre, ele estava cheio de novas histórias sobre a loucura daquela guerra. Digo a Adam que ele precisa ouvir esta: os pais de um amigo de Bill moraram durante anos em um apartamento nos arredores de Sarajevo e se recusaram a ir embora. A mãe era muçulmana, o pai sérvio, e eles meio que se enganaram pensando que o fato de ele ser sérvio poderia poupá-los dos chetniks (nacionalistas sérvios). A maioria dos outros inquilinos havia fugido do prédio, embora uma mulher - uma professora de crianças deficientes mentais - permanecesse alguns andares abaixo deles.

Um dia, o velho casal ouve gritos e berros na rua. Eles olham para fora e veem que um tanque sérvio estacionou do lado de fora, e quatro soldados sérvios tagarelas estão saindo e correndo para dentro do prédio. Isso, como eles imaginam, é o momento. Então, por uma hora eles ficam sentados no sofá, se abraçando, conversando sobre sua longa vida juntos e se despedindo. Eles podem ouvir os soldados gritando lá embaixo, no apartamento da professora. Então, para seu espanto, as vozes saem de novo, o tanque liga e os soldados vão embora. Eles estão fora de si de alívio, mas acham melhor dar uma olhada na sua vizinha. Eles descem até o apartamento da professora de educação especial, batem na porta e perguntam se ela está bem. Ah, claro, ela diz, eram quatro dos meus alunos que passaram por aqui para me fazer uma visita.

Quatro crianças deficientes em um tanque. Existem lugares neste planeta onde a ficção não pode levá-lo.

Oh, e eu estava assistindo a um talk show na TV hoje e o convidado era Pete Best, o baterista anterior a Ringo Starr nos Beatles. O entrevistador perguntou se ele já tinha visto alguma outra banda que tinha o que os Beatles tinham, e ele disse que achava que apenas o U2.

Depois do jantar, Adam quer falar sobre como vou escrever sobre a proposta de reestruturação dos acordos entre os quatro membros do U2 e Paul McGuinness, que se tornou um assunto tão delicado no final da turnê. Ele diz que as coisas se acalmaram muito.

“Acho que para Paul, ainda está na balança saber se no final do dia seus interesses continuam sendo musicais. Isso ainda está em jogo para ele”, diz Adam com cuidado. “Eu não sei de onde ele tira sua nova energia, seu sangue novo. Ele parece gostar do mundo corporativo e político, e isso é uma grande coisa para nós - para ele operar tão bem nesses mundos particulares. Mas como quinto membro de uma parceria, não é tão bom quanto poderia ser”.

Então Paul será convidado a aceitar uma redução de sua quinta parte, igual do U2?

“Acho que é impossível dizer neste momento”, diz Adam, “e não acho justo aludir a *isso* como sendo o centro da discussão. Os papéis e desequilíbrios são uma coisa mais importante a ser tratada do que a equidade. Se alguém aceita o ponto de vista de que é o mundo corporativo, político, empresarial em que Paul pode desenvolver melhor, bem, ninguém esteve nessa posição antes! Talvez seja isso que ele deve ser encorajado a ir e fazer. Transforme a Zoo TV em Zoo TV Corporation, esse tipo de coisa. É só quando resolvemos essas coisas que qualquer rearranjo será capaz de ser pensado ou discutido.

“Mas agora eu estou pensando que não é uma escolha disso ou daquilo. É ‘Olhe para a situação e veja como fazer o filme funcionar para você’. Esses problemas são solucionáveis. São coisas *crescentes*. Não sou tão negativo quanto poderia ter sido sobre eles. É só quando começo a aprender mais sobre os negócios dos outros que percebo a singularidade da nossa própria situação. Não que nossa própria situação deva ser escondida por causa disso. Eu acho que deveria ser revelada *por causa disso*”.

Eu não poderia concordar mais. O mundo, especialmente o mundo da música, deve entender a abordagem coletivista do U2. Eles devem entender a generosidade que Bono, particularmente, mostrou ao concordar que tudo o que a banda gerasse seria dividido igualmente entre os quatro músicos e o empresário. O sistema é justo? Claro que não, não da maneira como o capitalismo entende a justiça. Mas é justo de acordo com a parábola do Novo Testamento dos trabalhadores no vinhedo, na qual Jesus ensinou que, enquanto um homem seja pago de forma justa, não lhe faz nenhuma injustiça se um homem que faz menos receba o mesmo.

Foi essa crença de todos por um que permitiu que o U2 crescesse junto como músicos e como pessoas. Isso encorajou um ambiente em que se uma pessoa ficava para trás, as outras ajudavam a trazê-la para junto de si. Ninguém no U2 poderia lucrar com a perda de outra pessoa.

E se agora, quinze anos depois de ter começado, as contribuições de Bono e Edge superaram as dos outros — ou se o *tempo* extra que Bono e Edge colocaram lhes deram direito a alguma compensação extra — a honestidade exige que todos considerem como tornar as coisas iguais novamente. Mas é para seu grande crédito como pessoas que, em vez de recortar a torta para refletir as contribuições recentes, eles decidiram ver se Adam e Larry podem, cada um à sua maneira, expandir o que eles fazem para tornar a coisa toda igual novamente. Paul está envolvido em um empreendimento semelhante.

Diante de um parceiro que não estava gerando tanta receita quanto outros, a maioria das corporações multimilionárias diria: “Você deveria aceitar menos”. O U2 diz: “Você deve adicionar mais”. Até agora todos estão se levantando para o desafio.

E correndo o risco de fazer isso parecer como um livro inspirador para os meninos, é gratificante ver tanto Paul quanto Adam se afastarem das atividades que os separavam do U2 e trazerem essa energia e interesse de volta para casa. Deus sabe que havia uma chance real de Adam optar pela vida fácil de um playboy milionário, andando de jato com as mulheres mais glamorosas do mundo em seus braços. Em vez disso, ele está tocando em sessões musicais e tendo aulas. E Paul parece ter decidido que se ele pudesse se envolver em projetos de TV que competissem com seu tempo para o U2, ele poderia muito bem se envolver na criação de um canal do U2. Ele está colocando toda a sua considerável criatividade de negócios de volta a serviço da banda.

Adam e Paul ainda têm muito em comum, inclusive comportando-se como homens sofisticados e não sentimentais do mundo. Eles não gostam de demonstrar que amam o U2 tanto quanto qualquer um de nós.

Adam diz que o U2 se reunirá em seis meses para decidir o que farão a seguir. Adam diz que o próximo álbum do U2 poderia ser um disco de rock & roll (que começaria a partir das canções de rock deixadas de fora do Zooropa), ou poderia ser um álbum de computador de alta tecnologia (como Edge disse ontem à noite no Japão, o futuro não está parecendo brilhante para a guitarra antiga) ou poderia ser um álbum irlandês, baseado em letras e inspirado pelo metafísico, linguisticamente promíscuo Wildean / Yeatsean / Joycean / Beckettean / Van Morrisonean, presente da tradição gab¹ com o qual Bono sente tanta afinidade.

Adam, porém, está começando a desenvolver uma ideia diferente. Ele vê o futuro em uma mulher negra chamada Me'Shell Ndegeocello, que combina uma sensibilidade pós-hip-hop com um senso de funk raiz dos anos 70. Ele vê um ponto em que o movimento de fusão rap-jazz vai encontrar um ponto em comum com o público pop que se cansou de Madonna e Prince. Parece haver uma nova

¹ Dom de jogar conversa fora, típico do povo irlandês.

comunidade se formando em Nova York: uma multidão com dreads, politicamente consciente e poética que ouvia rap quando crianças e agora está olhando para trás, para Curtis Mayfield e Gil Scott-Heron e avançando para algum novo híbrido - uma sensibilidade que permite a músicos de grande experiência se juntarem à máquina do amadorismo, deixando o rap se mover e sair dos bairros gangsta, mas sem negar a dureza da vida do gueto.

Adam está muito entusiasmado com isso. Ele tem verificado a atmosfera em torno do clube de soul The Cooler, descobrindo a cena do Brooklyn que cresceu nos últimos dez anos em torno de Spike Lee e os músicos da M-base, e ouvindo Me'Shell e o velho Stevie Wonder. Ele adora o que está aprendendo, e está enviando fitas do material para Bono, esperando afastar Bono do que Adam, preocupado, acredita ser uma abordagem muito literária para a nova música do U2. Bono diz que no próximo álbum do U2, em vez de Larry tocar bateria com a banda e, em seguida, fazer overdub de conga ou shakers, não seria ótimo começar com a banda tocando congas ou alguma percussão menor, e depois fazer overdub com a quantidade de bateria que fosse necessária? Claro, ele dá de ombros, em última análise, as músicas ditarão a abordagem. Mas ele vai continuar enviando essas fitas para Bono, esperando que isso aconteça.

Acabamos indo para o S.O.B. para ver Gil Scott-Heron, o homem que escreveu “A Revolução Não Será Televisada” e que Adam está considerando recomendar à Mother Records. Scott-Heron, o padrinho espiritual de Disposable Heroes e uma tonelada de outras músicas negras socialmente incisivas, não pode mais fazer shows para levantar o teto do jeito que fazia há vinte anos, mas há um momento extremamente emocional em seu show, quando ele dedica sua canção anti-apartheid de 1975 “Johannesburg” a Nelson Mandela — que se tornou o primeiro presidente negro da África do Sul ontem. Parecia além da imaginação que esse dia chegaria quando a música foi gravada. Inferno, era além da imaginação quando Bono cantou a canção de protesto de Little Steven “Sun City” em 1985 — quando Mandela estava vinte anos na prisão.

E talvez, talvez pelo longo comprimento da música de Gil Scott-Heron esta noite, pudéssemos considerar que todos nós poderíamos ter, nestes últimos anos, nos esquivado das balas. Talvez tenhamos tido os avisos de Fátima a tempo e o apocalipse foi evitado. Se há dez anos algum profeta tivesse previsto que o Muro de Berlim cairia e todos os estados soviéticos fossem libertados, que o apartheid desmoronaria, que os prisioneiros políticos Vaclav Havel e Lech Walesa e Nelson Mandela não só seriam libertados da *prisão*, *mas se tornariam presidentes de seus países*, teríamos dito que isso soa como uma era de ouro.

Em vez disso, chegamos a uma encruzilhada, com uma era de milagres sobre um horizonte e caos através do outro. Talvez em vinte anos vejamos isso como o último momento de paz antes que *todos* tenham armas nucleares. Neste momento de mudança, nestes últimos dias do torturado século XX, ninguém é ingênuo o suficiente para esperar que os momentos alegres permaneçam para sempre. Por isso, é importante agarrá-los e celebrá-los enquanto durarem. Mesmo que seja apenas a duração de uma única música.